SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Relatos de Pesquisa

https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15337

Vinculações afetivo-sexuais das mulheres em tempos de cárcere

Women's affective and sexual bonds in times of imprisonment

Vínculos afectivo-sexuales de las mujeres en tiempos de encarcelamiento

Liens affectifs-sexuels des femmes en temps d'emprisonnement

Ana Cristina Costa Figueiredo*
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-1765-1996

Márcia Stengel
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9211-9433

Rosane Mantilla de Souza
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9936-8571

Como citar
Figueiredo, A. C. C., Stengel, M., & Souza, R. M. (2026). Vinculações afetivo-sexuais das mulheres em tempos de cárcere. *Revista Subjetividades*, *26*(2), 1-14. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v26i2.e15337

Histórico de publicação
Submetido em: 01/07/2024 **Aceito em:** 19/08/2025 **Publicado em:** 01/07/2026

Resumo

A invisibilização das especificidades da reclusão na vida das mulheres sublinha a necessidade de pesquisas nesta área. Considerando que as vinculações afetivas são fundamentais para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, e implicam a saúde mental na vida adulta em diferentes contextos, inclusive no prisional, este estudo qualitativo visou à compreensão dos relacionamentos afetivo-sexuais das mulheres em um presídio misto brasileiro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com oito apenadas e, para a avaliação dos padrões de apego, utilizou-se o instrumento Escala de Relacionamentos Próximos – Estruturas Relacionais (ECR-RS). Em relação ao(à) parceiro(a), os resultados de três mulheres indicaram o estilo de vinculação seguro (37,5%), e de cinco, o inseguro (62,5%); ademais, três (37,5%) apresentaram o estilo de vinculação preocupado, uma, o desligado, e uma, o temeroso. Identificaram-se as políticas prisionais referentes à manutenção dos laços afetivos e os seus encadeamentos para as dinâmicas relacionais, os processos de subjetivação e a saúde mental na prisão. Ameaças das rupturas afetivas e perdas arrostadas implicaram a vida no cárcere, onde a ansiedade de separação, as dúvidas e as preocupações foram recorrentes. O estudo permitiu ampliar a discussão sobre o encarceramento feminino, a sexualidade, as vinculações afetivas e a saúde integral no cárcere. Enfatizou-se a necessidade do desenvolvimento de ações que visem à garantia do direito de preservação dos vínculos afetivos e sexuais, à prevenção e à promoção da saúde nas prisões.

Palavras-chave: vinculações, apego, mulheres encarceradas, prisão.

***Autora correspondente**
E-mail: psianacristina@hotmail.com

CC BY NC

Abstract

The invisibility of the specificities of imprisonment in women's lives underlines the need for research in this area. Considering that affective bonds are fundamental for affective, cognitive and social development, and affect mental health in adult life in different contexts, including in prisons, this qualitative study aimed to understand the affective-sexual relationships of women in a Brazilian mixed prison. Data were collected through semi-structured interviews with eight inmates and, for the evaluation of attachment patterns, the instrument Experience in Close Relationships – Relationship Structures Questionnaire (ECR-RS) was used. Regarding the partner, the results of three women indicated the safe attachment style (37.5%) and five the insecure (62.5%), with three (37.5%) presenting the attachment style preoccupied, one dismissing and one fearful. Prison policies related to the maintenance of affective bonds and their consequences to relational dynamics, subjectivation processes and mental health in prison were identified. Threats of affective ruptures and losses implied life in prison, where separation anxiety, doubts and worries were recurrent. The study broadened the discussion on female incarceration, sexuality, affective bonds and integral health in prison. Emphasis was placed on the need to develop actions aimed at guaranteeing the right to preserve affective and sexual bonds, to prevent and promote health in prisons.

Keywords: *bonds, attachment, incarcerated women, prison.*

Resumen

La invisibilidad de las especificidades del encarcelamiento en la vida de las mujeres subraya la necesidad de investigación en esta área. Considerando que los vínculos afectivos son fundamentales para el desarrollo afectivo, cognitivo y social, e implican la salud mental en la vida adulta en diferentes contextos, incluyendo en la prisión, este estudio cualitativo tuvo como objetivo comprender las relaciones afectivo-sexuales de las mujeres en una prisión mixta brasileña. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas con ocho internas y, para evaluar los patrones de apego, se utilizó el instrumento Cuestionario de Estructuras Relacionales (ECR-RS). En cuanto a la pareja, los resultados de tres mujeres indicaron el estilo de apego seguro (37,5%) y cinco el inseguro (62,5%), con tres (37,5%) presentando el estilo de apego preocupado, uno desconectado y uno temeroso. Se identificaron políticas penitenciarias relacionadas con el mantenimiento de vínculos afectivos y sus vínculos con dinámicas relacionales, procesos de subjetivación y salud mental en prisión. Las amenazas de rupturas afectivas y las pérdidas duramente logradas afectaron la vida en prisión, donde la ansiedad por separación, las dudas y las preocupaciones eran recurrentes. El estudio amplió la discusión sobre el encarcelamiento femenino, la sexualidad, los vínculos afectivos y la salud integral en prisión. Se enfatizó la necesidad de desarrollar acciones dirigidas a garantizar el derecho a preservar los vínculos afectivos y sexuales, la prevención y promoción de la salud en el contexto penitenciario.

Palabras clave: *enlaces, apego, mujeres encarceladas, prisión.*

Résumé

L'invisibilité des spécificités de l'enfermement dans la vie des femmes souligne la nécessité de la recherche dans ce domaine. Considérant que les liens affectifs sont fondamentaux pour le développement affectif, cognitif et social, et impliquent la santé mentale à l'âge adulte dans différents contextes, y compris la prison, cette étude qualitative visait à comprendre les relations affectives-sexuelles des femmes dans une prison mixte brésilienne. Les données ont été recueillies au moyen d'entrevues semi-structurées avec huit détenus et, pour évaluer les tendances d'attachement, l'instrument Questionnaire sur les structures relationnelles (QSR) a été utilisé. En ce qui concerne le partenaire, les résultats de trois femmes ont indiqué le style d'attachement sécurisant (37,5 %) et cinq le style d'attachement insécurisant (62,5 %), trois (37,5 %) présentant le style d'attachement préoccupé, un évitant-détaché et un évitant-craintif. Les politiques carcérales liées au maintien des liens affectifs et à leurs liens avec les dynamiques relationnelles, les processus de subjectivation et la santé mentale en prison ont été identifiées. Les menaces de ruptures affectives et de pertes durement gagnées impliquaient la vie en prison, où l'anxiété de séparation, les doutes et les inquiétudes étaient récurrents. L'étude a élargi la discussion sur l'incarcération des femmes, la sexualité, les liens affectifs et la santé intégrale en prison. La nécessité de développer des actions visant à garantir le droit à préserver les liens affectifs et sexuels, à prévenir et à promouvoir la santé dans le contexte carcéral a été soulignée.

Mots-clés : *lien, attachement, femmes incarcérées, prison.*

A predominância dos homens nas prisões, em âmbito mundial, tem acarretado a invisibilidade das especificidades das mulheres aprisionadas e a escassez de estudos sobre elas (Codd, 2008). Dos estudos sobre o aprisionamento feminino, tendo em vista as normativas de gênero, é notável a ênfase na maternidade nas pesquisas (Carvalho et al., 2023; Zem,

2020), sendo parco o material sobre os relacionamentos afetivo-sexuais das reclusas. Todavia, seus relacionamentos com os(as) companheiros(as) íntimos(as) são um elemento fundamental (Figueiredo et al., 2022a), pois eles podem contribuir tanto para a qualidade de vida quanto para o sofrimento no contexto prisional (Carcedo et al., 2019; De Claire et al., 2020). Assim, há uma premente necessidade de pesquisas que visem compreender as vinculações afetivas e sexuais das mulheres nas prisões.

No contexto prisional, o controle e a vigilância passam a imbricar-se nas relações íntimas, institucionalizando-as (Figueiredo & Granja, 2020). Limitações aos contatos íntimos e às expressões de afetividade e sexualidade são frequentes, sejam elas implícitas ou explícitas (Figueiredo & Granja, 2020), sobretudo para as mulheres encarceradas (Figueiredo et al., 2022b), evidenciando-se um desrespeito à sexualidade das apenadas e a limitação do desenvolvimento da afetividade diante do abandono. As restrições para a manutenção das vinculações têm impactado a vivência prisional feminina, as dinâmicas relacionais, os processos de subjetivação e a saúde mental na prisão (Figueiredo & Granja, 2020; Figueiredo et al., 2022a; Figueiredo et al., 2022b). Portanto, enfatiza-se a necessidade de que sejam fomentadas discussões acerca das políticas prisionais referentes à manutenção dos laços afetivos durante a reclusão, desvelando-se os seus impactos nos processos de subjetivação aquém e além da prisão.

Nesse sentido, este estudo pretendeu compreender as vinculações afetivas das mulheres em um presídio misto brasileiro. Além da identificação dos efeitos das políticas prisionais referentes à manutenção dos laços afetivos para as reclusas, buscou-se analisar os padrões de apego das mulheres encarceradas, visando a um entendimento das suas vinculações afetivas antes e durante o aprisionamento, integradamente. Para isso, utilizou-se a Teoria do Apego, amplamente empregada nos estudos acerca da formação, manutenção e rompimento dos vínculos ao longo do ciclo vital (Fraley et al., 2011; Howe & Betts, 2023). Seus constructos abrangem desde a análise das experiências relacionais entre as crianças e os seus cuidadores durante a infância até as vinculações afetivo-sexuais na vida adulta (Bowlby, 1969/1990; Hazan & Shaver, 1987).

As vinculações ao longo do ciclo vital são compreendidas de forma articulada, tendo em vista que as interações entre as crianças e as figuras de apego originam um modelo operativo interno, ou seja, um sistema de pensamentos, crenças e expectativas referentes ao mundo em que habitam, às demais pessoas e a elas mesmas, o qual passa a ser utilizado para a regulação, interpretação e predição das vinculações afetivas em diferentes momentos da vida (Bowlby, 1969/1990). Ainda que as experiências infantis possam funcionar como uma base para os relacionamentos futuros, mudanças podem ocorrer a partir de novas interações afetivas e os padrões de apego podem ser diferentes em relações distintas, como a parental e a romântica (Brumbaugh & Fraley, 2007; Buist et al., 2008; Fraley et al., 2011).

Segundo Bowlby e Ainsworth (2006), as vinculações de apego são fundamentais para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, e podem impactar a saúde mental. A avaliação do apego, especificamente, é considerada uma importante ferramenta para os profissionais da saúde mental, sendo utilizada em diferentes contextos (Brennan et al., 1998; Fraley et al., 2011). Ela contribui para a compreensão da personalidade de forma dinâmica, da regulação emocional e dos relacionamentos interpessoais (Fraley et al., 2011), e apresenta o potencial de colaborar para a investigação e a promoção de ações relacionadas às vinculações humanas e à prevenção de transtornos mentais, possibilitando intervenções psicoterapêuticas adequadas.

À vista disso, este estudo abarcou a avaliação dos padrões de vinculação de mulheres encarceradas. Optou-se pelo emprego das duas dimensões da vinculação afetiva (ansiosa e evitativa), sugeridas por Brennan et al. (1998), integradas às categorias propostas por Bartholomew e Horowitz (1991). A primeira diz respeito ao vínculo ansioso, no qual se verifica a escassez de segurança quanto às vinculações afetivas, a necessidade intensa de proximidade das pessoas importantes, o medo da rejeição, além de constantes preocupações com os relacionamentos afetivos. A segunda dimensão refere-se ao vínculo evitativo, em que também se constata escassez de segurança em relação às vinculações afetivas, somando-se à preferência pelo distanciamento das demais pessoas e à autoconfiança compulsiva.

Ressalte-se que quatro classes de vínculo decorrem do modelo bidimensional: 1 – Estilo de vinculação seguro: marcado pela segurança nas vinculações, nas quais as pessoas se sentem confortáveis tanto para depender de outras pessoas quanto para ter outras pessoas que dependam delas, sendo tanto a intimidade quanto a autonomia valorizadas. 2 – Estilo de vinculação inseguro temeroso-evitativo: caracterizado pela evitação das vinculações afetivas, medo da intimidade e proximidade emocional, evitação do contato social, além de desconforto em depender de outras pessoas; ao mesmo tempo, abarca preocupação de que as pessoas não estejam emocionalmente disponíveis em momentos de necessidade. 3 – Estilo de vinculação inseguro desligado-evitativo: as pessoas desligadas não se sentem confortáveis em se abrir com outras pessoas ou depender delas. Do mesmo modo, ter alguém que seja dependente delas costuma ser desconfortável. Nota-se a evitação da intimidade e uma forte tendência contra a dependência. 4 – Estilo de vinculação inseguro preocupado: assinalado pela preocupação com os relacionamentos afetivos e a disponibilidade das demais pessoas em momentos de dificuldade. As pessoas preocupadas gostam de depender do outro e ter alguém que dependa delas, ainda que geralmente sintam que não há reciprocidade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan et al., 1998). Esses estilos de vinculação baseiam-se na imagem que o indivíduo tem de si e dos outros: no estilo seguro, tem-se um modelo positivo de si e dos outros; no temeroso, um modelo negativo tanto de si quanto dos outros; no desligado, um modelo positivo de si e negativo dos outros; por fim, no preocupado, há um modelo negativo de si e positivo dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Portanto, a fim de se analisar as vinculações das mulheres encarceradas de forma complexa, este artigo pretende apresentar uma articulação entre os níveis subjetivos, intersubjetivos e macrossociais que as perpassam. Abarcaram-se os padrões de apego de oito mulheres encarceradas, as narrativas sobre as suas trajetórias, bem como os efeitos das políticas prisionais alusivos à manutenção dos laços afetivos para os seus relacionamentos afetivo-sexuais durante o cumprimento da pena privativa de liberdade.

Método

Realizou-se uma pesquisa qualitativa em um presídio misto de Minas Gerais com capacidade geral para 146 pessoas, onde se encontravam 523 pessoas reclusas. A ala masculina, com capacidade para 164 homens, abrigava 404. Três celas femininas, com capacidade para 32 mulheres, comportavam 114; em uma das celas, havia 67 mulheres.

A pesquisa foi autorizada pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da XXX. Realizaram-se as avaliações dos padrões de apego e entrevistas semiestruturadas com oito mulheres, independentemente do estado civil ou da orientação sexual, atendendo aos critérios referentes ao ponto de saturação em pesquisa qualitativa (Thiry-Cherques, 2009). Foi critério de inclusão estar ou ter estado em um relacionamento afetivo-sexual quando aprisionada. Selecionaram-se as participantes aleatoriamente, por meio de sorteio. A duração média das entrevistas foi de 1 hora e 42 minutos.

A Tabela 1 apresenta o perfil das entrevistadas, as quais receberam nomes fictícios, bem como as pessoas citadas em suas narrativas. Ressalta-se que uma das entrevistadas declarou ter orientação homoafetiva e as demais, heteroafetiva.

Tabela 1

Participantes da pesquisa

		Estado civil	Idade	Raça / Etnia	Escolaridade	Acusação	Reclusão	Condenação	Tempo na prisão
1	Jade	Casada	28	Parda	Fund. Incompleto	Roubo e desacato à autoridade	7ª Reclusão	Prisão provisória	1 mês
2	Acácia	Solteira	33	Branca	Médio Incompleto	Tráfico de drogas	2ª Reclusão	Prisão provisória	9 meses
3	Iasmin	Solteira	41	Negra	Médio Incompleto	Tráfico de drogas	3ª Reclusão	8 anos e 4 meses	2 meses
4	Rosa	Solteira	34	Parda	Fund. Incompleto	Tráfico de drogas	4ª Reclusão	6 anos	2 anos e 6 meses
5	Liz	Solteira	25	Parda	Médio Completo	Tráfico de drogas e lavagem de dinheiro	1ª Reclusão	13 anos e 5 meses	9 meses
6	Melissa	Solteira	25	Parda	Fund. Incompleto	Homicídio	1ª Reclusão	17 anos e 6 meses	1 ano e 11 meses
7	Tália	Amasiada	40	Negra	Fund. Completo	Roubo / quebra do semiaberto	Acima da 10ª Reclusão*	Cerca de 2 anos**	3 meses
8	Violeta	Divorciada	54	Parda	Médio Incompleto	Tráfico de drogas / quebra de domiciliar	5ª Reclusão	27 anos	8 meses

*Tália não sabia dizer o número de reclusões com exatidão, mas afirmou ser superior a 10.

**Da última vez em que esteve presa, Tália permaneceu reclusa por 1 ano e 3 meses. Por ter quebrado o dever disciplinar do regime semiaberto, voltou ao regime fechado e acredita que permanecerá reclusa por 6 meses até o cumprimento da pena privativa de liberdade.

Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, demonstrando estar de acordo com o fim da pesquisa. Todos os preceitos éticos foram cumpridos seguindo as Resoluções 466/12 e 510/16.

A fim de se contemplar o objetivo proposto, para a avaliação dos padrões de apego utilizou-se o instrumento "*Experiences in Close Relationships – Questionnaire of Relational Structures – ECR-RS*" (Fraley et al., 2011), adaptado ao português do Brasil por Senhorini e Rocha (2012), com evidências de validade de construto e precisão (Rocha et al., 2017). Baseado na organização dos padrões de vinculação afetiva nos adultos em duas dimensões, integrada às categorias de Bartholomew e Horowitz (1991), o instrumento avalia as duas dimensões do apego, ansiedade e evitação, propiciando a identificação dos seguintes estilos de vinculação: seguro, inseguro temeroso-evitativo, inseguro desligado-evitativo e inseguro preocupado.

O instrumento permite a especificação dos estilos de apego nas relações com os pais ou figuras substitutas, parceiro(a) amoroso(a) e amigo(a). Além disso, com ele, pode-se obter o estilo global de vinculação (Rocha et al., 2017). O ECR-RS possibilita identificar e comparar os padrões de apego em vinculações distintas e é um instrumento relativamente curto quando comparado a outros que têm a mesma finalidade (e.g., *the Experiences in Close Relationships – ECR*, Brennan et al., 1998; *the ECR-Revised – ECR-R*, Fraley et al., 2000), tornando o processo de investigação menos denso para as participantes e sem qualquer sobrecarga desnecessária. Portanto, com o ECR-RS, visou-se à avaliação do apego das mulheres aprisionadas em relacionamentos distintos, com ênfase nos relacionamentos íntimos.

Além disso, coletaram-se os dados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas entre abril e maio de 2023, nas quais se exploraram os seguintes tópicos: I – dados sociodemográficos; II – histórico da família de origem; III – histórico de privação de liberdade; IV – histórico dos relacionamentos afetivo-sexuais; V – relacionamento afetivo-sexual durante o encarceramento; VI – implicações das vinculações na vida atual. Escolheram-se como foco do presente artigo as narrativas concernentes às vinculações afetivas e sexuais no contexto prisional. Os principais pontos das entrevistas foram anotados e transformados em texto. Realizou-se a leitura exaustiva do material, criando-se um resumo do relato de cada mulher. Por fim, considerando-se as implicações das políticas prisionais para a dinâmica dos relacionamentos e os processos de subjetivação das participantes, as suas vinculações afetivas foram analisadas, articulando-se as vivências no cárcere aos padrões de apego identificados.

A análise contemplou o referencial teórico baseado na Teoria do Apego (Bowlby, 1969/1990, 1973/1985, 1973/1998), bem como na criminologia crítica (Weigert & Carvalho, 2020). Os dados qualitativos foram analisados mediante análise de conteúdo, dividida em quatro fases: apreciação crítica do material; decomposição dos elementos essenciais; agrupamento e classificação; e análise final (Sousa & Santos, 2020). As categorias provieram do discurso das entrevistadas, não tendo sido definidas *a priori*.

Resultados e Discussão

Os estilos de vinculação segundo a Escala de Relacionamentos Próximos – Estruturas Relacionais (ECR-RS)

Avaliaram-se os estilos de vinculação nos relacionamentos com o pai, a mãe, o(a) parceiro(a) e o(a) amigo(a), tendo sido possível identificá-los e perceber as diferenças e similaridades relativas às representações mentais em cada um desses relacionamentos (Fraley et al., 2011; Rocha et al., 2017). A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 2

Resultados – Escala de Relacionamentos Próximos (ECR-RS)

	Jade	**Acácia**	**Iasmin**	**Rosa**
Mãe	A*: 6,66	A: 1,33	A: 2	A: 3
	E**: 4,83	E: 3,66	E: 4	E: 1,83
	Temeroso	Seguro	Seguro	Seguro
Pai	A: 3	A: 2,33	A: 2	A: 3,33
	E: 1,83	E: 4,16	E: 4,66	E: 2,33
	Seguro	Desligado-evitativo	Desligado-evitativo	Seguro
Parceiro(a)	A: 3	A: 5,33	A: 6	A: 6
	E: 5,16	E: 4,16	E: 4	E: 2
	Desligado-evitativo	Temeroso	Preocupado	Preocupado
Amigo(a)	A: 5,33	A: 2	A: 3,33	A: 2
	E: 1,33	E: 3,66	E: 2,66	E: 4
	Preocupado	Seguro	Seguro	Seguro
Estilo global de vinculação	A: 4,49	A: 2,74	A: 3,33	A: 3,58
	E: 3,28	E: 3,91	E: 3,83	E: 2,54
	Preocupado	Seguro	Seguro	Seguro
	Liz	**Melissa**	**Tália**	**Violeta*** **
Mãe	A: 1	A: 3	A: 4,66	A: 1
	E: 3	E: 1,66	E: 2	E: 1
	Seguro	Seguro	Preocupado	Seguro
Pai	A: 2	A: 6	A: 7	A: 1
	E: 4,66	E: 3,16	E: 3,33	E: 1
	Desligado-evitativo	Preocupado	Preocupado	Seguro

Parceiro(a)	A: 2,66 E: 3,33 Seguro	A: 5 E: 2 Preocupado	A: 1,33 E: 2 Seguro	A: 1 E: 1 Seguro
Amigo(a)	A: 2 E: 3 Seguro	A: 3 E: 3 Seguro	A: 3 E: 1 Seguro	A: 1 E: 1 Seguro
Estilo global de vinculação	A: 1,91 E: 3,49 Seguro	A: 4,25 E: 2,45 Preocupado	A: 3,99 E: 2,08 Seguro	A: 1 E: 1 Seguro

*A (Ansiedade)
**E (Evitação)
***Os escores apresentados sugerem tendenciosidade nas respostas, já que são os mais baixos possíveis tanto para ansiedade quanto para evitação em todas as vinculações.

O grupo de mulheres foi caracterizado por ter, predominantemente, estilo global de vinculação seguro (*n* = 6; 75%). As demais mulheres (*n* = 2; 25%) obtiveram como resultado o estilo de vinculação inseguro preocupado.

No que se refere à figura materna ou quem a represente, seis mulheres (75%) obtiveram o estilo de vinculação seguro, enquanto duas (25%) apresentaram o inseguro, uma delas teve o estilo temeroso, e a outra, o preocupado.

Quanto à figura paterna ou quem a represente, foram obtidos os seguintes resultados: estilo de vinculação seguro (*n* = 3; 37,5%) e inseguro (*n* = 5; 62,5%). Em particular, no que se refere ao estilo inseguro, três mulheres apresentaram o desligado-evitativo (*n* = 3; 37,5%) e duas (25%), o preocupado.

Em relação ao(à) parceiro(a), os resultados de três mulheres indicaram o estilo de vinculação seguro (37,5%) e cinco, o inseguro (62,5%). Entre elas, três (37,5%) apresentaram o estilo preocupado, uma, o desligado, e uma, o temeroso.

Por último, no que concerne ao(à) amigo(a), os escores de sete mulheres (87,5%) apontaram o estilo de vinculação seguro, enquanto o de uma delas indicou o estilo inseguro preocupado.

As médias mais altas para a ansiedade foram em relação ao(à) parceiro(a) e, em seguida, ao pai, à mãe e, por último, ao(à) amigo(a); quanto às médias para a evitação, as mais altas foram quanto à vinculação com o pai e, seguidamente, com o(a) parceiro(a), com a mãe e, finalmente, com o(a) amigo(a). Escores próximos ao ponto de corte (4) foram identificados em alguns casos. No que se refere aos escores do estilo global de vinculação, Acácia, classificada como segura, obteve 3,91 pontos para a evitação; Iasmin, também avaliada como segura, obteve 3,83 pontos para a evitação; Tália, igualmente classificada como segura, obteve 3,99 pontos para a ansiedade. No que concerne às vinculações específicas, Iasmin, cujo estilo de vinculação com a mãe foi classificado como seguro, obteve 4 pontos para a evitação; já o estilo de vinculação com o(a) parceiro(a) foi classificado como preocupado, e a pontuação para a evitação foi de 4 pontos, limítrofe para a classificação da vinculação como temerosa, em seu caso. Da mesma forma, Rosa, cuja vinculação com a amiga foi apontada como segura, obteve 4 pontos para a evitação.

Como se verá adiante, houve associações entre os estilos de vinculação das participantes, segundo o ECR-RS, e os dados obtidos a partir das entrevistas. Entretanto, a realização das entrevistas mostrou-se imprescindível para a compreensão das vinculações de forma mais ampla e permitiu o levantamento de reflexões, as quais serão expostas a seguir.

Narrativas das mulheres sobre as suas vinculações afetivas no contexto prisional

Inicialmente, destaca-se que, anteriormente ao encarceramento, a maioria das entrevistadas teve as suas trajetórias marcadas por vulnerabilidades, múltiplas violências e processos de exclusão. Algumas delas, inclusive, conviveram com a criminalidade no âmbito familiar desde a infância, evidenciando-se a seletividade penal, já que a privação de liberdade atinge, comumente, pessoas específicas, de acordo com o nível de escolaridade, classe social, raça/etnia e outros fatores produtores de desigualdade (Weigert & Carvalho, 2020).

Dessa maneira, considerando-se o perfil das mulheres entrevistadas e os fatores macrossociais que contribuíram para os aprisionamentos, as narrativas sobre as suas vinculações afetivas no contexto prisional foram analisadas, buscando-se o entrelaçamento entre as estruturas sociais e as histórias particulares, sem que as especificidades de cada uma fossem negligenciadas.

Visibilizou-se como relacionar-se afetivamente em tempos de cárcere implica lidar com abandonos, dúvidas recorrentes, medo, ansiedade, sentimentos paradoxais e perdas infindáveis, sejam elas concretas ou ambíguas, as quais envolvem ausência física com presença psicológica ou vice-versa, o que pode dificultar a elaboração do luto diante da falta de clareza sobre o que foi perdido. Trata-se de perdas nas quais o ausente permanece presente e, de forma velada, mantém-se em atuação,

gerando emoções ambíguas (Boss, 1999; Casellato, 2020; Figueiredo, 2022b). Até mesmo os raros amores correspondidos, que propiciavam refúgio e acalento, em um ambiente desolador como a prisão, eram perpassados pelo medo da perda.

Considerando as múltiplas perdas inerentes ao aprisionamento, como a perda da liberdade, do contato frequente com as pessoas queridas, do controle sobre o próprio corpo e da intimidade sexual (Figueiredo & Stengel, 2022), processos de luto foram evidenciados. Destacou-se a narrativa de uma das participantes (Melissa, 25 anos), a qual enfrentou a morte do companheiro, que faleceu no cárcere, e não obteve informações precisas acerca das circunstâncias da morte: "eu fiquei viúva, né? Porque ele morreu aqui dentro. Ele veio preso comigo e aí ele morreu. Ninguém aqui me fala nada, nada, nada. Só fala que ele morreu. Quem falou foi minha mãe, o advogado e só". Diante da súbita notícia, Melissa (25 anos) sentiu profunda tristeza: "eu entrei em depressão, fiquei mal porque aí eu ia ficar sozinha, responder por um crime sozinha, sem apoio de ninguém. Foi puxado". A violência estatal imbricada em sua experiência enfatiza a urgência de mudanças no ambiente carcerário. Tendo em vista que informações precisas sobre a perda podem contribuir para o seu processo de elaboração (Figueiredo & Stengel, 2022), a comunicação do falecimento dos entes queridos – estejam eles sob custódia estatal ou não – deve acontecer de forma humanizada no contexto prisional, com clareza sobre a conjuntura da morte. Ademais, considerando a relevância da ritualização para a elaboração da perda ao permitir a construção de significados e o compartilhamento de sentimentos (Casellato, 2020; Figueiredo & Stengel, 2022), é imperativo que as políticas prisionais incluam a possibilidade de realização de rituais para as perdas, de maneira humanizada.

Outras perdas referentes às vinculações afetivas em tempos de cárcere foram relatadas, tendo sido algumas delas ambíguas (Boss, 1999; Casellato, 2020; Figueiredo & Stengel, 2022). As perdas vão além da descontinuidade da relação, pois implicam também o que foi sonhado e idealizado, trazendo profunda mobilização psíquica. Dúvidas sobre o *status* do relacionamento e, até mesmo, sobre a identidade pessoal foram mencionadas. Acácia (33 anos), por exemplo, que foi abandonada pela ex-companheira Iara após o encarceramento, passou pelo processo de elaboração do luto pela perda do relacionamento, do filho que planejaram juntas e da família que idealizou para a sua vida. Ela discorreu sobre a confusão relativa à própria maternidade, a qual tanto almejou, pois não sabe se poderá exercer a maternagem após a conquista da liberdade, já que o filho foi gerado e concebido pela ex-companheira:

> Nossos planos era ter filhos, sempre. A gente fez, estava tentando fazer inseminação. A gente ficou um ano separada, aí a gente voltou e a gente resolveu de novo ter filho. E foi quando eu vim presa. Ela estava de quatro meses. Só que quando eu vim presa, ela ficou muito decepcionada comigo. Ela falou que não ia me esperar [choro]. Agora o bebê nasceu em dezembro e ela cria o bebê com uma ex-companheira dela. E não chegou nada pra mim. Então acho que é como se ela não quisesse mais que eu tivesse participação no meu bebê. Eu acho que ela vai viver a vida dela, sabe?

Considerando que a maternidade pode ser um elemento central para o processo de subjetivação e apresentação ao mundo, a ambiguidade sobre a perda do filho enseja dor pela ruptura vincular (Bowlby, 1973/1985) e compromete a sua elaboração (Boss, 1999; Figueiredo & Stengel, 2022). Afinal, como elaborar uma perda que não se sabe se ocorreu efetivamente?

No que concerne aos relacionamentos heteroafetivos, eles raramente são mantidos após a reclusão das mulheres quando os seus parceiros se encontram em liberdade, sendo o abandono recorrente (Figueiredo et al., 2022a; Figueiredo et al., 2022b). Neste estudo, o abandono dos parceiros diante da reclusão das mulheres ocorreu em alguns casos, tendo sido naturalizado. Tália (40 anos), por exemplo, que esteve presa por mais de dez vezes e jamais recebeu sequer uma visita por parte dos parceiros amorosos que teve, comentou sobre a sua trajetória: "foi normal, já me acostumei, né?". A naturalização do abandono parece estar relacionada aos estereótipos de gênero, com a atribuição do cuidado às mulheres (Figueiredo et al., 2022a; Figueiredo et al., 2022b; Nunes & Macedo, 2021).

Notou-se, ainda, a negação do abandono e a idealização do parceiro em alguns casos, possivelmente como mecanismos de defesa, protegendo o espaço psíquico do excesso de tensão (Freud, 1925/2014; Mendes & Garcia, 2015). Violeta (54 anos), por exemplo, que jamais recebeu sequer uma correspondência do companheiro, afirmou não ter sido abandonada, além de aparentemente ter superestimado as características do parceiro. Considerando-se a relevância da desidealização, a qual serve como protótipo de relações satisfatórias futuras e apresenta um papel crucial para o estabelecimento das relações amorosas simétricas, pode-se inferir que a idealização excessiva, possivelmente presente na vida de Violeta, precariza os suportes existentes no campo da realidade objetiva e representa um entrave ao processo de luto pelo parceiro idealizado (Mendes & Garcia, 2015).

Neste estudo, duas participantes desvelaram a continuidade dos relacionamentos com parceiros que não estão em situação de cárcere: Iasmin e Liz. Em ambos os casos, as dúvidas e a incerteza quanto à permanência das relações geravam ansiedade. Quanto a Iasmin (41 anos), devido ao curto período de aprisionamento e às exigências da administração prisional para a visitação – como o casamento legal e os exames médicos –, as visitas ainda não tinham ocorrido. O medo de perda, a ambivalência e a insegurança faziam-se presentes: "a gente fica meio confusa. E às vezes eu deito achando que ele tá me esperando e, às vezes, acordo achando que ele tá me deixando. Fico insegura". A dor e o sofrimento são vivenciados antecipadamente (Rando, 2000), talvez como forma de preparação para o enfrentamento da perda do laço de amor.

Os dados mostraram as implicações das limitações ao contato para a saúde mental de algumas participantes, as quais relataram ansiedade e preocupações frequentes quanto à relação, o que foi intensificado nos casos em que as visitas sociais não ocorriam. Considerando-se a relevância das vinculações para a saúde mental (Bowlby & Ainsworth, 2006), a urgência de que as políticas prisionais para as visitas sejam revistas é evidenciada. A facilitação do contato entre parceiros(as) poderia contribuir para a manutenção e/ou construção de uma base segura no cárcere (Bowlby, 1969/1990), talvez abrandando alguns dos efeitos deletérios do encarceramento.

Abordar a saúde mental no cárcere exige um olhar complexo e multifacetado. Isso porque a saúde está diretamente relacionada à realidade econômica, política, social, cultural e ambiental. Considerando-se a insalubridade e a desumanização presentes nos estabelecimentos prisionais brasileiros, constata-se que os fatores de risco para a degradação da saúde mental são inerentes ao sistema punitivo em vigor. Desse modo, tem-se um paradoxo, já que parece ser impossível oferecer a prevenção e a promoção da saúde mental em locais como as prisões. Isso posto, sugere-se que possamos ir muito além da luta pela humanização, manutenção das vinculações e garantia dos direitos humanos no cárcere, mas que visemos ao desencarceramento, possibilitando que todos(as) usufruam da própria existência em liberdade.

Relacionamentos afetivo-sexuais com parceiros também encarcerados foram relatados por três participantes (Jade, Melissa e Tália), tendo sido as especificidades desses relacionamentos notórias. Jade (28 anos) tem evitado qualquer contato com o companheiro devido ao histórico desse relacionamento e por culpabilizá-lo pela perda dos seus filhos: "de amor virou, sabe, um ódio tão grande que eu não suporto olhar na cara dele mais". Melissa (25 anos), que foi aprisionada com o ex-companheiro, o qual faleceu no cárcere e ela não obteve informações precisas sobre a morte dele, narrou a tristeza que a afligiu. Uma nova perda foi arrostada, já que, posteriormente, ela iniciou um relacionamento afetivo com uma companheira de cela, que conquistou a liberdade. Quanto Tália (40 anos), mesmo tendo recebido apenas uma correspondência do atual parceiro nos três meses de reclusão, assegurou que ambos se mantêm firmes no mesmo propósito, o de permanecerem distantes das drogas e da criminalidade, o que é confortante para ela. Afinal, a forte parceria entre eles marcava a relação: "a gente ia para a igreja juntos, a gente orava juntos, a gente saía pra tomar sorvete, saía pra comer pastel. A gente tomava o café da manhã junto, a gente comia na mesma vasilha". Tália recebeu o apoio constante do companheiro ao longo do tratamento oncológico que realizou e foi ao lado dele que conquistou a família almejada: "tenho até um cachorro. Eu nunca imaginei ter casa, marido e cachorro, hoje eu tenho. Mudou tudo". Considerando as inúmeras tentativas frustradas de abandono do crack e constituição de uma família em sua trajetória, ela demonstrou gratidão ao parceiro, que lhe possibilitou a adequação aos padrões ontológicos do que é enquadrado como humanidade (Figueiredo et al., 2022a). Assim, os relacionamentos afetivo-sexuais puderam ser analisados a partir das vivências dos casais previamente ao cárcere.

Destaca-se que nenhuma das participantes se encontrava no mesmo estabelecimento prisional do companheiro, o que raramente acontece no contexto prisional. Em alguns casos, como o relatado por Jade, o fato de permanecerem distantes pôde ser percebido como motivo de alívio. Entretanto, em outros casos, quando o apoio mútuo se fazia presente, a permanência no mesmo estabelecimento prisional poderia permitir a manutenção do afeto e a capacidade de resistência na prisão (Figueiredo et al., 2022a). Por isso, sugere-se que a implementação e a execução das políticas prisionais possam vislumbrar as dinâmicas relacionais e o desejo das pessoas encarceradas no que concerne à proximidade dos seus(suas) parceiros(as) íntimos(as).

Novos relacionamentos foram iniciados na prisão por três participantes: Acácia, Rosa e Melissa. No caso de Rosa, o relacionamento com o parceiro foi iniciado e é mantido exclusivamente por meio das correspondências, que ocorrem de forma velada, já que elas são coibidas pela administração prisional: "a gente não pode ter contato com o masculino, a gente tem que casar" (Rosa, 34 anos). Ainda que ela jamais tenha visto sequer uma foto do atual companheiro, o romantismo marca o relacionamento, bem como a idealização de uma vida feliz fora dos muros prisionais, na qual ela pondera que o parceiro poderá deixar a criminalidade por amor. Diante das dores vivenciadas nos relacionamentos passados, a ausência de decepções reais é possibilitada ao se manter um relacionamento no qual a idealização é um dos componentes principais. Ao mesmo tempo em que Rosa assume um papel de parceira salvadora e transformadora, pensamentos ambíguos apresentam-se: "eu falei assim que eu confiava nele, eu estava postando minha positividade nele, mas ao mesmo tempo, eu estava indecisa" [sic].

Ressalta-se que Rosa foi a única participante que iniciou um relacionamento heteroafetivo na prisão. Desde o início do relacionamento, o parceiro enviou-lhe, de forma clandestina, produtos alimentares e de higiene: "ele me mandou tudo, tudo, tudo que eu precisava. Porque a gente chegamos aqui sem nada [sic]. Ele me deu tudo. Então, tipo, eu fui criando um carinho por ele, um amor por ele". Talvez até mesmo pelo fato de muitas mulheres serem abandonadas, não recebendo cartas, produtos de higiene ou alimentação, a presença de um parceiro provedor parece gerar satisfação, o que se articula com o contexto socioeconômico em que vivem. Além da provisão material, as palavras de Bento, assegurando-lhe que ela jamais será abandonada, contribuíram para que os sentimentos por ele fossem nutridos: "ele falou que ele não vai me abandonar". Tendo em vista a relevância das vinculações e o processo de luto envolvido diante das suas rupturas (Bowlby, 1973/1985), imaginar que não precisará passar por esse processo novamente parece estimulá-la a manter a relação.

Os demais relacionamentos iniciados na prisão foram homoafetivos e iniciaram-se diante da perda do relacionamento mantido anteriormente à reclusão. Um deles foi iniciado por Melissa, que teve a primeira experiência homoafetiva no

contexto prisional, após o falecimento do ex-companheiro, tendo encontrado em sua parceira apoio e refúgio; o outro era mantido por Acácia (33 anos), que sempre se relacionou com mulheres e foi abandonada pela ex-companheira devido ao seu aprisionamento. Como as parceiras compartilhavam o cotidiano prisional na mesma cela, o relacionamento, percebido como confortante, era, ao mesmo tempo, marcado pela ansiedade de separação, pois a parceira provavelmente conquistará a liberdade antes dela:

> É como se tirasse uma metade da gente, porque você acostuma ficar ali com uma pessoa, você dorme e acorda com a pessoa, você conversa sobre tudo, você brinca, você almoça junto, você toma banho junto, você janta junto, você toma um café junto. Em qualquer momento que você acordar, que você olhar, você está olhando para a pessoa e a pessoa vai embora e você não tem contato nenhum com a pessoa? Porque não vai ter chamada de vídeo porque aqui nem tem chamada de vídeo. E aí você vai ter contato como com a pessoa? E aí a cabeça da pessoa, nossa senhora! Aí você começa a sofrer.

Logo, Acácia vivencia o luto antecipatório (Rando, 2000) visando preparar-se emocionalmente para lidar com a perda iminente.

Quanto a Melissa (25 anos), a parceira recebeu o alvará de soltura, tendo-lhe restado apenas a dúvida sobre a (des) continuidade da relação: "não sei o que ela está fazendo lá na rua". As visitas entre elas não são permitidas, o que intensifica a ambiguidade no relacionamento.

Ambos os relacionamentos foram mantidos com mulheres com as quais compartilhavam a mesma cela. Assim, foram impostos desafios decorrentes da ausência de privacidade, e ambas as entrevistadas relataram sentir-se no dever de evitar manifestações de carinho perto das demais mulheres da cela, refletindo as perspectivas moralizadoras vigentes no cárcere.

Para além das regras estabelecidas – implícita ou explicitamente – pelas próprias pessoas aprisionadas e que coíbem o contato íntimo entre os casais, os empecilhos colocados pela administração prisional dificultam a manutenção dos laços amorosos no presídio investigado, em que até mesmo para a visita social o casamento é exigido. O reconhecimento apenas dos relacionamentos íntimos legalmente estabelecidos como legítimos distancia-se da realidade da qual a maioria das pessoas aprisionadas é proveniente, na qual o casamento legal é incomum (Figueiredo & Granja, 2020). Ao imporem os padrões sociais das classes médias e altas, repete-se a segregação na vida da maioria dos(as) reclusos(as).

Ressalta-se que nenhuma das 114 mulheres que se encontravam no estabelecimento prisional usufruía do direito à visita íntima, conforme explicou Acácia (33 anos): "eu acho que pra ter essa visita também tem que casar, tem uma série de processos para conseguir ter". A realidade observada, na qual as exigências para a visita íntima (casamento, exames médicos e autorização da Comissão Técnica de Classificação – CTC) impedem a sua concretização, desvela a necessidade de que as políticas prisionais sejam revistas para que esse direito seja efetivamente garantido a todos(as) (Figueiredo & Granja, 2020; Figueiredo et al., 2022b).

O conformismo diante da impossibilidade de usufruírem do direito às visitas íntimas foi expressado, de modo que a sujeição às dinâmicas prisionais corroborou estudos anteriores (e.g., Figueiredo et al., 2022a; Figueiredo et al., 2022b). Liz (25 anos), por exemplo, afirmou: "para mim, eu sou bem conformada. Eu não cobro muito, eu entendo". Ademais, as participantes com relacionamentos que perduravam no cárcere destacaram o companheirismo, a comunicação e o apoio mútuo dessas relações, enquanto o desejo e o prazer sexual apareceram em segundo plano. Tanto as vivências sexuais prévias pouco satisfatórias quanto as normativas sociais de gênero, que conferem às mulheres atributos como o recato e o pudor, podem atravessar os seus discursos e vivências (Cunha, 2018; Figueiredo et al., 2022a; Figueiredo et al., 2022b; Nunes & Macedo, 2021).

Quanto às expectativas das participantes referentes aos seus relacionamentos afetivo-sexuais, mesmo as que têm motivos para se sentirem seguras quanto à continuidade da relação, temem a sua perda: "eu acho que qualquer pessoa que tivesse presa, tinha uma dúvida na cabeça. Porque quem está presa é eu, ele está lá na rua" (Liz, 25 anos). A confiança no parceiro, elemento fulcral para a compreensão dos padrões de apego e das dinâmicas relacionais (Bartholomew & Horowitz, 1991; Brennan et al., 1998; Campbell & Stanton, 2019), foi abalada perante o aprisionamento: "eu tenho que confiar, mas a cabeça de um preso, de uma presa aqui é meio atrapalhada. As coisas mudam porque eu estou presa". Ao mesmo tempo, entre algumas participantes, como Liz e Tália, notou-se o reconhecimento do desejo de manutenção do relacionamento afetivo-sexual, bem como o da constituição ou manutenção da família: "eu penso em sair, ter filho, ter uma família" (Liz, 25 anos). Essas aspirações relacionam-se ao anseio de manterem vinculações nutritivas, geradoras de conforto e segurança (Bowlby, 1973/1985), bem como ao desejo de reconhecimento como sujeito (Figueiredo et al., 2022a).

Assim, implicações subjetivas, culturais e sócio-históricas atravessaram as experiências no cárcere. Desvelou-se a relevância das vinculações, bem como os efeitos das suas perdas para a saúde mental e a vida na prisão. Mesmo as relações mantidas foram atravessadas pelo medo da perda, e os obstáculos para o contato com as pessoas queridas foram salientados. Notou-se como a manutenção das relações íntimas na prisão envolve um processo de adaptação à vida institucional de forma ampla. Por fim, as interligações entre passado, presente e futuro, presentes nas narrativas, ressaltaram a relevância de um olhar abrangente para a compreensão dos relacionamentos afetivo-sexuais no cárcere. Isso posto, a seguir, será apresentada a articulação entre as entrevistas e os padrões de apego das participantes.

As narrativas das mulheres e os padrões de apego

A articulação entre os dados das narrativas e aqueles obtidos a partir do ECR-RS possibilitou uma análise abrangente das vinculações. Destaca-se, de início, que os relatos das mulheres explicitaram como as dinâmicas relacionais e representações sobre si, o(a) parceiro(a) e o mundo sofrem transformação com o passar do tempo e, sobremaneira, após a reclusão. Conforme apontado por Fraley et al. (2000, 2011), diferentes contextos produzem variabilidade dos padrões de apego. O ambiente prisional, em particular, apresenta particularidades por se tratar de uma instituição fechada, na qual o contato com os(as) parceiros(as) é fiscalizado e controlado (Nunes & Macedo, 2021). A insegurança praticamente intrínseca ao encarceramento pode engendrar mudanças, inclusive nos resultados referentes ao padrão de apego, o que aponta a indispensabilidade de que a qualidade do vínculo anteriormente à reclusão seja considerada, já que os dados obtidos pelo ECR-RS constituem um recorte pontual dos estilos de apego.

Mesmo antes do aprisionamento, os padrões de vinculação das entrevistadas parecem ter sido modificados. Por exemplo, no caso de Jade (28 anos), ela expressou como, por certo período, dedicou-se quase exclusivamente à relação com Marcos: "eu pensei mais em mim e no Marcos e esqueci dos meus filhos no abrigo". A dedicação à relação, a necessidade intensa de proximidade e a submissão às vontades do parceiro remetem às características do padrão de apego ansioso (Brennan et al., 1998). Todavia, a partir das perdas dos seus filhos, anteriormente ao encarceramento, a cisão referente à representação de Marcos fez-se presente; Jade passou a evitar o contato com ele, comportamento que alude ao apego evitativo. De fato, seus resultados referentes ao ECR-RS apontaram o estilo de vinculação inseguro desligado-evitativo no relacionamento com o parceiro. Desse modo, a contextualização das vinculações, analisando-as de forma dinâmica (Fraley et al., 2000, 2011), mostrou-se indispensável.

Ao mesmo tempo, a integração dos dados obtidos por meio das entrevistas e do ECR-RS retratou a interconexão entre as vinculações afetivas, mesmo quando transformadas mediante novas experiências. O histórico das vinculações das participantes apontou como as representações mentais sobre o mundo, as relações humanas e elas mesmas tornaram-se guias para as percepções e interpretações dos eventos pelos quais elas passaram (Bowlby, 1969/1990).

A especificação dos estilos de vinculação em relacionamentos distintos, possibilitada pelo ECR-RS, permitiu prever os seus efeitos nas relações interpessoais de forma mais acurada do que se fosse realizada a avaliação apenas do estilo global de vinculação. Conforme exposto previamente, o estilo global de vinculação seguro preponderou e, nas vinculações específicas, predominaram o estilo seguro com a figura materna e com o(a) amigo(a) e o inseguro com a figura paterna e com o(a) parceiro(a). Notou-se, assim, a variabilidade referente às crenças e expectativas nos processos de vinculação com diferentes pessoas (Brumbaugh & Fraley, 2007; Buist et al., 2008; Fraley et al., 2011).

Explicitaram-se os efeitos das (des)continuidades das vinculações ao longo das vidas das participantes e da escassez de suprimento das necessidades humanas de segurança, proteção e cuidado (Bowlby, 1969/1990). No que se refere aos relacionamentos afetivo-sexuais, a associação entre os padrões de apego obtidos por meio do ECR-RS e as narrativas analisadas desvendou alguns aspectos básicos da funcionalidade dos relacionamentos, como a satisfação e o investimento. As decorrências das rupturas vinculares sobre a saúde mental das entrevistadas foram notáveis. Tanto a ameaça de perda quanto a perda concreta da pessoa amada engendrada pelo encarceramento produziram dores e foram assinaladas por ansiedade, angústia, pesar, tristeza e raiva, gerando impulsos conflituosos e ambivalência, evidenciando-se o luto antecipatório (Rando, 2000). O abandono pareceu reativar dores primitivas, as quais precisavam ser amargamente digeridas em um ambiente desumano. Em contrapartida, observaram-se os efeitos potencializadores dos laços de amor, os quais puderam contribuir imensamente para a vivificação nesse contexto mortificante, em certos casos.

Uma análise minuciosa dos dados obtidos pelo ECR-RS mostrou-se necessária, especialmente porque algumas participantes obtiveram o escore 4 em ansiedade ou evitação, indicando um resultado limítrofe para o apego inseguro nas relações analisadas, conforme especificado anteriormente. Nesse sentido, as narrativas permitiram integrar os dados e explorá-los com maior profundidade e rigor.

Embora alguns resultados indicados pelo ECR-RS tenham ratificado as narrativas das mulheres referentes às suas vinculações, outros pareceram contestar as suas falas. Uma hipótese para as contradições identificadas relaciona-se à possível utilização de mecanismos de defesa – como a negação e a idealização – por determinadas mulheres, especialmente aquelas que demonstraram apresentar características relacionadas ao apego evitativo ao longo das entrevistas, tendo sido perceptível que elas procuravam a evasão do contato com as próprias dores. Como o ECR-RS é um questionário de autorresposta e considerando a tendência das pessoas com o padrão de apego evitativo a se esquivarem do contato com os seus sentimentos (Hazan & Shaver, 1987), a utilização desses mecanismos pode ter impactado os resultados. Em meio à dura realidade que essas mulheres enfrentam, desviar-se dela pode ser uma tentativa de redução do sofrimento psíquico. Logo, o entrelaçamento entre os dados obtidos por meio do ECR-RS e os das entrevistas revelou-se imprescindível.

Considerações finais

O estudo apresentou narrativas de mulheres que tiveram as suas trajetórias marcadas por violências, vulnerabilidades e processos de segregação, demonstrando o atravessamento das circunstâncias transversais da sociedade em cada história particular, com as suas especificidades. A articulação da teoria bowlbyana às estruturas macrossociais permitiu um olhar integrado para uma profunda compreensão das vinculações afetivas analisadas, segundo a realidade do sistema prisional brasileiro, abarcando diferentes campos que se entrelaçam, do histórico, político, econômico, social, cultural ao subjetivo e intersubjetivo.

Descortinou-se a relevância das vinculações afetivas para as entrevistadas, descritas pela maioria como fonte de força e alento, bem como os efeitos das ameaças das rupturas afetivas ou das perdas efetivamente concretizadas para a vivência no cárcere, onde a ansiedade de separação, as dúvidas e as preocupações são praticamente inerentes à vida institucional.

Ainda que a preservação das vinculações afetivas no cárcere possa ser percebida como um meio para se agarrar à vida em um ambiente mortificador, lamentavelmente, no presídio investigado, as políticas prisionais impediam-na ou dificultavam-na, tendo sido o abandono e as múltiplas perdas recorrentes nos casos analisados. Implicações plurais foram geradas para as dinâmicas relacionais, processos de subjetivação e saúde mental na prisão.

A avaliação dos padrões de apego, em especial, permitiu compreender a qualidade das vinculações de forma abrangente e em relacionamentos distintos, possibilitando analisar as especificidades dos relacionamentos afetivos e as suas interligações. Embora o instrumento ECR-RS tenha impactado nesta investigação empírica, ele apresentou limitações. Uma delas referiu-se à acessibilidade do vocabulário e à compreensão unívoca dos itens pelas participantes. Nesse caso, a presença da pesquisadora durante a aplicação do instrumento pôde atenuar os entraves presentes. Ademais, foi possível inferir que mecanismos de defesa impactaram os resultados do questionário de autorresposta, especialmente no que concerne às mulheres que demonstraram tendência a evitar o contato com os próprios sentimentos. Diante disso, a complementação dos dados obtidos por meio das entrevistas e do ECR-RS mostrou-se relevante para que o objetivo da investigação fosse alcançado. Os resultados sugerem a avaliação dos estilos de vinculação como um importante fator a se considerar ao se buscar entender os relacionamentos íntimos, as dinâmicas relacionais, bem como os processos de subjetivação das pessoas aquém e além dos muros prisionais.

Intenciona-se, por meio deste estudo, estimular ações que visem à garantia do direito de preservação das vinculações nas prisões, além da prevenção e promoção da saúde no contexto prisional. Sugere-se ainda o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas que contribuam para a redução das desigualdades e a prevenção da criminalidade no Brasil, bem como o investimento em alternativas à pena de privação de liberdade.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de novas pesquisas acerca das vinculações afetivas das mulheres aprisionadas, as quais, tantas vezes, têm as suas necessidades de nutrição afetiva, acalento, proteção e afeto negligenciadas. Espera-se a colaboração para a construção de uma sociedade mais empática, a qual favoreça o estabelecimento de conexões humanas, redes e comunidades que propiciem trocas afetivas geradoras de conforto, segurança, acolhimento e amor. Afinal, conforme afirmou Tália (40 anos): “o amor cura, o amor salva de verdade”.

Referências

Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 226-244. https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226

Boss, P. (1999). *Ambiguous loss: Learning to live with unresolved grief.* Harvard University Press.

Bowlby, J. (1985). *Apego e perda: Vol. 3. Perda: Tristeza e depressão* (2a ed.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973).

Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Vol. 1. Apego: A natureza do vínculo* (2a ed.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969).

Bowlby, J. (1998). *Apego e perda: Vol. 2. Separação, angústia e raiva* (3a ed.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1973).

Bowlby, J., & Ainsworth, M. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental.* Martins Fontes.

Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). Guilford.

Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2007). Transference of attachment patterns: How important relationships influence feelings toward novel people. *Personal Relationships, 14,* 513-530. https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00169.x

Buist, K. L., Reitz, E., & Deković, M. (2008). Attachment stability and change during adolescence: A longitudinal application of the social relations model. *Journal of Social and Personal Relationships, 25,* 429-444. https://doi.org/10.1177/0265407508090867

Campbell, L., & Stanton, S. C. E. (2019). Adult attachment and trust in romantic relationships. Current Opinion in Psychology, 25, 148-151. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.08.004

Carcedo, R. J., Perlman, D., Fernández-Rouco, N., Pérez, F., & Hervalejo, D. (2019). Sexual satisfaction and mental health in prison inmates. Journal of Clinical Medicine, 8(5), 705. https://doi.org/10.3390/jcm8050705

Carvalho, G. B. V., Santos, H. G. S., & Mattos, F. C. A. (2023). Encarceramento, decolonialidade e maternidade: Direitos fundamentais de mães em situação de prisão e o controle eugênico de natalidade. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia*, *51*(1), 703-724. https://doi.org/10.14393/RFADIR-51.1.2023.69212.703-724

Casellato, G. (2020). Luto e identidade. In G. Casellato (Org.), Luto por perdas não legitimadas na atualidade (pp. 25-37). Summus.

Codd, H. (2008). *In the shadow of prison: Families, imprisonment and criminal justice*. Routledge.

Cunha, M. I. (2018). On stage and off: The shifting relevance of gender in women's prison. In S. Gomes & V. Duarte (Eds.), Female crime and delinquency in Portugal: In and out of the criminal justice system (pp. 57-74). Palgrave Macmillan.

De Claire, K., Dixon, L., & Larkin, M. (2020). How prisoners and their partners experience the maintenance of their relationship during a prison sentence. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 30*, 293-306. https://doi.org/10.1002/casp.2445

Figueiredo, A. C. C., & Granja, R. P. G. (2020). Laços familiares e afetivo-sexuais de mulheres nas prisões brasileiras e portuguesas. *Revista Subjetividades*, *20*(3), e10358. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e10358

Figueiredo, A. C. C., & Stengel, M. (2022). Os lutos das mulheres aprisionadas referentes aos relacionamentos afetivo-sexuais. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 17*(1), 1-18. http://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/4288

Figueiredo, A. C. C., Cunha, M. I., & Stengel, M. (2022a). Relacionamentos afetivo-sexuais de mulheres encarceradas em presídios mistos brasileiros. Psicologia: Ciência e Profissão, 42, 1-12. https://doi.org/10.1590/1982-3703003239033

Figueiredo, A. C. C., Stengel, M., & Oliveira, A. (2022b). Sexualidade das mulheres em um presídio misto brasileiro: Relações de poder e violências múltiplas. *Revista Sociedade e Estado, 37*, 531-549. https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020007

Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships–Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, *23*(3), 615-625. https://doi.org/10.1037/a0022898

Fraley, R. C., Waller, N. G., & Brennan, K. A. (2000). An item response theory analysis of self-report measures of adult attachment. Journal of Personality and Social Psychology, 78(2), 350-365. https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.2.350

Freud, S. (2014). *A negação*. Editora Cosac Naify. (Obra original publicada em 1925)

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524. https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511

Howe, D., & Betts, L. (2023). Attachment across the lifecourse: A brief introduction. Bloomsbury.

Mendes, L. C., & Garcia, C. A. (2015). Clivagem e idealização: Sobre o luto impossível nas patologias limítrofes. *Cadernos de Psicanálise*, *37*(33), 31-49. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000200002&lng=pt&tlng=pt

Nunes, C. C., & Macedo, J. P. S. (2021). Encarceramento feminino em presídio misto. Estudos e Pesquisas e*m Psicologia*, *21*(4), 1330-1351. https://doi.org/10.12957/epp.2021.63943

Rando, T. A. (2000). Anticipatory mourning versus anticipatory grief. In T. A. Rando (Ed.), *Clinical dimensions of anticipatory mourning: Theory and practice in working with the dying, their loved ones, and their caregivers* (pp. 1-13). Research Press.

Rocha, G. M. A., Peixoto, E. M., Nakano, T. C., Motta, I. F., & Wiethaeuper, D. (2017). The Experiences in Close Relationships – Relationship Structures Questionnaire (ECR-RS): Validity evidence and reliability. *Psico-USF, 22*(1), 121-132. https://doi.org/10.1590/1413-82712017220111

Senhorini, M. V., & Rocha, G. M. A. (2012). Tradução e adaptação da Escala de Relacionamentos Próximos (ECR-RS). In *Anais do IV Congresso da União Latinoamericana de Entidades de Psicologia*.

Sousa, J. R., & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: Modo de pensar e de fazer. Pesquisa e Debate e*m Educação*, *10*(2), 1396-1416. https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559

Thiry-Cherques, H. R. (2009). Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT), 3*, 20-27.

Weigert, M. A. B., & Carvalho, S. (2020). Criminologia feminista com criminologia crítica: Perspectivas teóricas e teses convergentes. *Revista Direito e Práxis, 11*(3), 1783-1814. https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/38240

Zem, C. R. (2020). *Maternidade na prisão: Análise e avaliação das relações de apego entre filhos e mães encarceradas.* Juruá.

Contribuição dos Autores

Figueiredo, A. C. C.: Conceituação, Investigação, Análise formal, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Stengel, M.: Conceituação, Supervisão, Análise formal, Escrita – redação do rascunho original, Escrita – revisão e edição.
Souza, R. M.: Conceituação, Escrita – revisão e edição.

Fonte de Financiamento

Este artigo é derivado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Conflito de Interesses

Os autores informaram que não há conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores detêm os direitos autorais relativos ao artigo e concedem à Revista Subjetividades o direito de primeira publicação. O trabalho é publicado em Acesso Aberto (*Open Access*) sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 (CC BY-NC 4.0).

Uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que não foi utilizado nenhum recurso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Verificação de Similaridade

A Revista Subjetividades mantém a prática de submeter todos os artigos aprovados para publicação à verificação de similaridade pelo software *iThenticate* da *Turnitin*, através do serviço *Similarity Check* da *Crossref.*

Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo poderá ser disponibilizado mediante solicitação.

Revisão por Pares

Este conteúdo foi avaliado conforme o processo de revisão por pares duplo-cego (*double-blind peer review*). A divulgação das informações dos pareceristas e do Relatório de Revisão por Pares (*Peer Review Report*) é feita somente após a conclusão do processo avaliativo e com o consentimento voluntário dos respectivos pareceristas e autores.

Editora-chefe Responsável

Regina Heloisa Maciel
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-2933-7021

Editores Associados

Kaline da Silva Lima
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0001-6127-5815

Leônia Cavalcante Teixeira
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4997-5349

Lucas Guimarães Bloc
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-8528-131X